

ENTREVISTA COM ROCH ERCOLE ZAMBA

Por Mauro Henrique Miranda de Alcântara¹

Entrevista com o historiador Roch Ercole Zamba, doutorando pela (Universidad Paris 1 PANTHEON SORBONNE) e professor de Práticas da Universidade Paris 12, e que tem se dedicado a pesquisar o papel político da população negra em Buenos Aires, no que se refere as suas ações, atuações e atividades na primeira metade do século XIX. A entrevista é rica em informações sobre tal população buenairense, assim como traz detalhes de historiografia acerca da temática afro-argentina, sobre os arquivos nos quais pesquisou e o caminho de sua investigação.

Mauro Alcântara (M.A.): Roch Ercole Zamba, a primeira pergunta não poderia deixar de ser essa. Qual sua motivação principal para estudar a população negra em Buenos Aires nos fins do século XVIII e início do XIX?

Roch Ercole Zamba (R.E.Z.): Obrigado por me dar a oportunidade de falar sobre esse tema muito importante para mim, (por se de origem africana) e também para o continente africano. Por que? Primeiro porque temos que saber: de onde viemos? Onde estamos? E para onde vamos? Essas perguntas que articulam o que chamamos de história, guiaram minhas reflexões sobre o tema da população negra no percurso da escravidão, por um lado. Por outro, si olharmos um pouco sobre a produção que até o momento temos sobre a escravidão, verificaremos que a África aparece somente como um lugar de saída (o que dá a impressão de que a África é apenas um país e não um continente, como muitos acreditam) dos escravizados e a América, como um lugar de recepção e nova pátria desses escravos e livres. É justamente essa perspectiva que cria um abismo entre a história africana e a experiência desses homens e mulheres, escravos e livres na América, o que não deveria ocorrer. Por que falo de “abismo”? Simplesmente porque para os africanos é um tema que não deve ser tocado, pois revolve a um passado difícil. Desprende daí um sentimento de vitimização “nos fizeram isso, isso e aquilo, então o que queremos é falar de reparações” como é moda na Europa e, mais precisamente, na França, divulgado em muitos colóquios, conferencias e por isso não há muitos africanos que se dedicam ao tema. Para os americanos, “Esses africanos chegaram aqui, se adaptaram, desempenharam um papel importante nas cidades e ponto!”. Ao menos sabem que esses escravos saíram da África (África, como porto). Todavia não fazem uma conexão entre esses dois continentes quando narram sobre as experiências desses escravos e livres em relação as realidades africanas. Esses homens não saíram do nada. Tinham uma experiência incrível de vida, de guerra, de tudo, não foram simplesmente indivíduos lançados em um barco rumo a América. Foram com eles a cultura e os saberes africanos. Por isso, querendo

¹ Professor do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Doutorando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Bolsista Fapero/Capes. Contato: alcantara.mauro@gmail.com

compreender a verdade e colocar em conexão esses dois continentes e, sem esquecer de, como indica o projeto respaldado pela UNESCO “criar uma nova rota do escravo”, me interessei pelo tema precisamente a partir de Buenos Aires. A partir dessa cidade porque como é conhecido, nesta parte da América Latina, até a pouco tempo, quase o único lugar onde a problemática da população negra ainda não havia sido suficientemente estudada (estamos falando de cinquenta anos atrás) como em outros países como: Colômbia, Cuba e Brasil, para citarmos. E é curioso porque justamente a população negra teve papel importantíssimo em Buenos Aires, ingressando nos batalhões e participando do esforço de guerra no começo do século XIX. Afortunadamente essas últimas décadas tem-se trabalhado e pesquisado muito sobre essa população em Buenos Aires, sua visibilidade, seu papel na sociedade, sua demografia e inclusive suas implicações nos conflitos políticos. No entanto, ainda há muito o que pesquisar quando se verifica a documentação do Arquivo de “La Nación” e começamos a visualizar os sumários militares, as solicitações e outras fontes. A partir disso se perguntará sobre a real participação dessa população, suas motivações, as formas dessas participações, seus efeitos sociais, culturais e políticos que pode ter influído na construção política desses novos Estados-nação.

(M.A.) Você, em suas comunicações por Buenos Aires, falava sobre a chegada de escravos africanos ao porto da cidade. Porém, para onde iam essas pessoas? Quais trabalhos que mais realizavam? Quanto tempo durou o comércio de escravos nas terras portenhas? E de onde vinham esses negros?

(R.E): Bem, primeiro não falei tanto da chegada dos escravos em Buenos Aires durante as comunicações. Mas podemos falar da chegada dos escravos no Rio da Prata (a grande região) e na cidade de Buenos Aires para descrever o que faziam. Neste sentido temos autores destacados que tratam em seus trabalhos e os tem evidenciado muito bem. São os professores Alex Burucki e Lyman Johnson, em seus trabalhos: “As Rotas brasileiras do tráfico até o Rio da Prata 1777-1812”². Também o livro que acaba de sair “From shipmates to soldiers. Emerging black identities in the Río de la Plata”³, e os livros: “População e espaço na Buenos Aires do século XVIII”⁴ e “Workshop of Revolution: Plebeian Buenos Aires and the Atlantic world, 1776-1810”⁵. Segundo os dados que encontramos tanto nos arquivos da Espanha quanto de Buenos Aires e nos respaldando sobre os escritos dos autores citados, afirmamos que os primeiros negros que entraram vieram da metrópole, durante o período da conquista e em Buenos Aires por Juan de Garay entrando na metade do século XVI. É importante frisar que não

² BORUCKI, Alex. **Las Rutas brasileñas del tráfico de esclavos hacia el Río de la Plata 1777-1812**. 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, de 13 a 15 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/alexborucki.pdf>. Acesso em: 04 de ago. 2017.

³ BORUCKI, Alex. **From Shipmates to Soldiers: Emerging Black Identities in the Río de la Plata**. Albuquerque : University of New México Press, 2015.

⁴ JOHNSON, Lyman.; SOCOLOW, Susana. **Población y espacio en el Buenos Aires del siglo XVIII**. Buenos Aires: Desarrollo Económico, v.20, n. 79, oct.-dic., 1980.

⁵ JOHNSON, Lyman. **Workshop of Revolution: Plebeian Buenos Aires and the Atlantic world, 1776-1810**. Duke University Press, 2011.

chegou um grande número de negro nesse momento. Porém, com o tempo, a partir do século XVIII, onde o contrabando entre Brasil e Buenos Aires se faz presente, os negros passaram a chegar da Bahia, Pernambuco e mais tarde do Rio de Janeiro passando por Sacramento⁶. Por isso, tanto Lyman Johnson como Marta Goldberg⁷ afirma que o século XVIII marca o esplendor de Buenos Aires economicamente falando e sobretudo porque é abundante a população negra em números absolutos e essa população favorece o aumento da população total de Buenos Aires. Susana Socolow e Lyman Johnson dizem que essa população aumentou em mais de 75% em 1774 e em 1810 chegou a até 86,3%⁸. O contrabando por Colônia do Sacramento, realizado pelos portugueses foi tão impressionante que preocupou as autoridades. Nas cartas de Buenos Aires guardadas no Arquivo das Índias nos demonstram bem esse cenário. Por exemplo, em uma carta, Bucareli (que era Vice-Rei de Buenos Aires naquele momento, e na carta somente encontrei o sobrenome) fica assustado com a ameaça portuguesa em Colônia⁹. Se espanta porque foram os portugueses que impulsionaram o contrabando com a complacência das autoridades locais que viam nessa atividade uma forma fácil de encher os seus bolsos. E como é de conhecimento, o controle da região de Sacramento resultou em problemas entre portugueses e espanhóis. Assim que, esse contrabando e os consentimentos e licenças que foram dados ao largo do tempo explicam a entrada desses escravizados em Buenos Aires. Esta cidade como diziam os historiadores, “cidade-porto”, tinha o papel de porto de trânsito, ou seja, recebia os escravos e logo os redistribuía para o interior, para trabalhar no Alto Peru, nas minas de Potosí, por exemplo. Nesse trabalho de mulas, como nos recorda o trabalho interessantíssimo do professor Zacarias Moutoukias¹⁰. Trabalhavam nas minas para substituir a mão de obra indígena que foi diminuindo pelas enfermidades e difíceis condições de trabalho. Porém, quando o contato com o comércio de escravos se fez diretamente com a África, muitos dos escravos de Buenos Aires vieram diretamente de Angola e Congo.

(M.A.) Os negros que ficaram em Buenos Aires, a que se dedicavam? Qual era sua importância para sociedade portenha do final do século XVIII e início do XIX?

(R.E.Z.): Como dizíamos a pouco, quando o contato se fez diretamente com a África, desde os portos que enunciámos na pergunta anterior, muitos escravos ficaram na cidade de Buenos Aires, onde finalmente foram utilizados em setores como sapataria, alfaiataria, lavanderia, teve também várias vendedoras, mulheres que passavam e limpava a casa, ou seja, marcadas como mulheres dos trabalhos domésticos e muitas

⁶ N. T.: Colônia do Sacramento ou Cisplatina, antiga colônia portuguesa e espanhol e atual Uruguai.

⁷ GOLDBERG, Marta Beatriz. **La población negra y mulata de la ciudad de Buenos Aires, 1810-1840**. Buenos Aires: Desarrollo Económico, v.16, n. 61, abr-jun., 1976.

⁸ JOHNSON; SOCOLOW. *Op. Cit.*

⁹ Archivo General de Indias, Sevilla, Gobierno de Buenos Aires, legajo 293, cartas de Buenos Aires en 1767, copia nº1.

¹⁰ MOUTOUKIAS, Zacarías. **Contrabando y control colonial en el siglo XVII: Buenos Aires, el Atlántico y el espacio Peruano**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988.

outras atividades. Foi concretamente essa capacidade de ter muitos trabalhos, sobretudo para as mulheres que conseguiram economizar, permitindo comprar a sua liberdade e a do seu marido e filhos (LYMAN JOHNSON, 2011). A pergunta: Onde estavam os escravos livres de Buenos Aires? A resposta que temos está na obra de Jorge Reid Andrews “Los Afroargentinos de Buenos Aires”¹¹. E também nos trabalhos de Gabriel Di Meglio especificadamente em seu artigo sobre “As palavras de Manul”¹² onde descreveu a plebe, indicando os lugares desses subalternos, fazendo um levantamento histórico. Por exemplo, o bairro chamado Monserrat atual, em Buenos Aires, foi praticamente uma zona habitada pela plebe, sendo a sua maior parte escravos e negros livres. A importância, como argumentado por Lucas Rebagliati em seu comentário acerca da obra de Lyman Johnson sobre os produtores de artesanatos da cidade de Buenos Aires, é que essa população apresentou a cidade portenha como moderna naquele momento.

(M.A.) Em suas conferências, você fala da atuação dos negros africanos nas guerras travadas pelos portenhos no período citado. Poderia nos sintetizar essa atuação:

(R.E.Z.): Primeiro, não posso sintetizar algo que ainda estou investigando. Até o momento só fiz um trabalho de campo para localizar as fontes, informações, para a partir de aí, ir analisando, destacando o que quero demonstrar sobre esta participação. O que temos até agora são trabalho muitos destacados sobre a demografia africana no Rio da Prata de maneira geral e em Buenos Aires especificadamente. Sabemos que essa população aumentou em números absolutos como nos recordam os trabalhos de nossos autores citados anteriormente e permitiu que ao final, a população total da cidade aumentasse. Também, que o trabalho desses escravos e livres de Buenos Aires não só se limitava ao trabalho doméstico como se pensava, mas que ia além, pois faziam de tudo, vendiam, lavavam, passavam, costuravam para mulheres e homens, se infiltraram nas costurarias, sapatarias, até mesmo tiveram trabalhadores de construção que faziam de tudo. Logo, tivemos muitos escritos e até agora seguimos tendo, sobre as invasões inglesas e as guerras de independência que mencionam a participação desses negros escravos e livres nestes acontecimentos. Segundo, se sabe que até esse momento (durante as invasões inglesas 1806-1807, e sobretudo durante o processo revolucionário desde 1810), a sociedade foi militarizada. Os livres e escravos participaram do esforço de guerra, porém, se sabe muito pouco sobre essa participação, suas motivações, as formas que teve e as repercussões sociais, culturais e por fim político que tiveram na construção política destes novos estados nações. Nesta perspectiva que estamos trabalhando sobre essa população, para poder contar logo mais sobre essa participação.

¹¹ ANDREWS, Jorge Reid. **Los Afroargentinos de Buenos Aires**. Buenos Aires: Editorial de la Flor, 1980.

¹²DI MEGLIO, Gabriel. **¡Viva el bajo pueblo! La plebe urbana de Buenos Aires y la política entre la Revolución de mayo y el rosismo**. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

(M.A.): Quais são as fontes históricas principais que você utiliza para conseguir apurar essa atuação dos negros na sociedade portenha do final do período colonial? Poderia discorrer um pouco sobre elas? Afinal, elas são de suma importância para trazer ao primeiro plano essa população que é pouco “vista” pela história e historiografia da América.

(R.E.Z.): *Como vinha dizendo em relação as motivações, ao me interessar pelo tema, passamos a realizar leituras de trabalhos de historiadores muito importantes que indagam sobre a atuação destes africanos nas guerras conhecidas no Rio da Prata e especificadamente em Buenos Aires, onde se percebe muito bem essa atuação. Temos o professor Raúl Fradkin, que se interessou muito pelas milícias no contexto das tensões políticas e sociais de Buenos Aires e Santa Fé, temos o professor Gabriel Di Meglio, que justamente trabalha a participação e implicação da plebe. Também Alejandro Rabinovich desde a história militar. Todos esses ilustres historiadores tive a oportunidade de conversar, tomar um café, compartilhar sobre o tema que nos aproxima, e que me aconselharam, sobretudo porque, eu, chegando a Buenos Aires, não sabia por onde começar, necessitava orientações e também que os arquivos da América Latina não são como os que temos na Europa (risos). Então me dei conta, seguindo seus comentários e conselhos que a única forma de encontrar a informação relativa ao que buscava não era nas bibliotecas, em primeiro lugar, senão nos arquivos. E em arquivos com diversidades de fundos documentais que temos ali, de primeira mão, e como, todavia, eu não tinha nomes de pessoas para procurar sobre elas, decidi montar uma base de dados com a ajuda de Alejandro Rabinovich, partindo do ano de 1810 até 1814: quatro anos, algo bastante enorme em relação a quantidade de informação. Esta base de dados foi montada a partir do regimento de pardos e morenos de Buenos do arquivo 22 da sala 3 do Arquivo de la “Nación”. Para que essa base de dados? Para me permitir primeiro ter nomes concretos destes escravos e livres desses batalhões, regimentos e milícias e depois ir estabelecendo relações para ver a evolução destes mesmos na idade de buscar sua participação nos feitos políticos e para seguir os sumários militares. Então, aparece claramente que estes sumários, as solicitações tanto militar como civil, são fundos extremamente importantes para comprovar a atuação desta gente. Algo de suma importância, por exemplo, é o que chamamos de folha de serviços que é um documento no qual se pode ver as ascensões do indivíduo buscado, se ele se portou bem, se cometeu algo, para onde foi mandado, suas vitórias, se foi retirado (reformado), se foi nomeado, seus cargos, enfim, uma informação muito clara, digamos, desse personagem que estamos investigando. E estes sumários, essas petições, solicitações, mostram como protestavam esses militares e civis, se tinha um litígio, como foi julgado, se foi implicado em alguma multa, em alguma conspiração, por exemplo, o sumário sobre a conspiração tentado contra a Assembleia e o Governo Superior do ano de 1813. Esse sumário me permitiu ver a implicação de um tal Francisco Poso, que encontrei justamente em minha base de dados, que era capitão do corpo de pardos em Buenos Aires no início do século XIX antes das invasões inglesas. Segundo o escrivão, Francisco Poso se voltou contra as medidas tomadas pelo Governo Superior. Isso demonstra a importância do sumário militar e nele há muitos casos assim, que indicam muito bem a participação dessa gente. Uma solicitação civil e militar que encontrei no arquivo, também apresenta*

quatro pessoas que durante a eleição da Assembleia, lhes negaram a cidadania por serem de cor, e essas pessoas levaram um documento, melhor dizendo, uma petição para esclarecer os motivos desta negação. E desta forma que vamos encontrando casos específicos onde estes escravizados e livres falam. Porém, pela pena do escrivão, e por isso merece ter cuidado na hora de transcrever e analisar estes feitos.

(M. A.): A partir dessas fontes, foi possível fazer uma análise demográfica da população negra (seja liberta, seja a escrava) da sociedade portenha? E o que essas pesquisas trazem de novo em relação aos estudos anteriores sobre o tema?

(R.E.Z.) *Sim. Foi possível com essas fontes uma releitura demográfica da população negra da sociedade portenha e qual a sua nova contribuição para com os trabalhos anteriores. Diria primeiro, que a minha intenção, ao trabalhar com essas fontes, não era tanto buscar fazer um novo cálculo sobre a população negra, seja livre ou escrava como tal, porque como tenho dito, já temos trabalhos muito pertinentes sobre essa questão demográfica, então, não queria cair novamente nessa evidência já conhecida sobre os números absolutos desta população desde a segunda metade do século XVIII em diante. Segundo, a minha intenção era sobretudo ressaltar caso por caso e dizer algo concreto sobre a participação da população negra nos feitos políticos. Tampouco quero dizer que não me interessei pela importância demográfica, só que as informações que fui encontrando, vinha confirmando o que dizem os trabalhos demográficos de Marta Goldberg, de Lyman Johnson e Alex Borucki. E é nesta tensão que saiu o aporte, ou seja, a contribuição que nos dá de maneira clara, por mais difícil que seja o trabalho, porém, nos permite ver realmente a participação desta gente de cor nesta sociedade portenha durante os tempos que delimitam nosso estudo. O aporte final será não só analisar as mobilizações locais desta gente, se não também, sua intensidade, suas diferentes formas e sobretudo suas práticas.*

(M.A.): Pouca gente que vive na cidade sabe da importância dos bairros pertos do porto para a população negra. Depois das leituras documentais e historiográficas, seria possível nos explicar um pouco da geografia dos negros na cidade de Buenos Aires? Apresentando os lugares de circulação, vivência e resistência dos escravos, etc.?

(R.E.Z.): *A resposta para essa pergunta relativa a geografia da população negra na cidade de Buenos Aires, podemos encontrar no livro do autor já mencionado, George Reid Andrews, e precisamente, fixando-se nas informações que nos proporcionam os documentos do arquivo, como se dá ênfase os trabalhos de Gabriel Di Meglio. Em geral esses negros se estabeleceram na costa do Rio, justamente onde trabalhavam nas lavanderias, ou seja, escravas, e por fim, os bairros atuais conhecidos como Montserrat, San Telmo e San Cristóbal, completamente ao sul da cidade. Quiçá vale a pena questionar: Porque perto do rio? Creio que o rio para o negro africano, sempre foi algo de sua vida, ou seja, o negro africano sempre buscava um lugar próximo de água. Porque ela é essencial para ele, para seu cultivo, para sua família, para qualquer atividade que pudesse realizar. Si voltarmos um pouco atrás, na África, podemos ver o*

que estou evidenciando, e tomando o conflito atual, que desgraçadamente a imprensa e o ocidente venderam ao mundo como conflito inter-religioso, quando não tem nada a ver com religião, mas sim com um rio chamado “Tchad” (Lago Chade), devido a água entre os dois territórios. Me refiro aqui ao conflito que vive continuamente a República centro-africana e que segue deixando o país um caos. Então, este rio é disputado entre latifundiários e criadores de gado, o resultado é um problema em torno do rio Tchad (Lago Chade) e da geopolítica da República centro-africana. E há vários exemplos deste na África. Voltando a Buenos Aires.... Nos subúrbios da cidade, também viviam negros, porém em maior número os livres. Por que? Simplesmente por tinham ali um lugarzinho mais barato para viver, incluso, uma terra que eles mesmo podiam cultivar, diferentemente do centro. Este negro, importante mencionar, sua condição por ter sido libertado piorava. Ele não tinha um dono para lhe manter, ao fim, caía em suas mãos a sobrevivência. Havia uma mobilidade, os escravos já não se limitavam ao trabalho doméstico, como afirmei acima, muitos senhores podiam coloca-los para trabalhar fora de casa, porque o dinheiro que ganhavam o escravo(a) ia diretamente para o seu dono. Muitos escravos podiam aprender um trabalho, incluso, tiveram muitos artesãos, sapateiros e até maestros de música. E as mulheres podiam rapidamente comprar sua liberdade, a do seu marido e filhos, porque podiam fazer muitos trabalhos pequenos, assim, dava parte do dinheiro para o seu senhor, e ficava com uma parte, conseguindo economizar para comprar sua carta de liberdade. Existem muitos casos no arquivo de “La Nación” em Buenos Aires que descrevem situações assim. Algo importante nas zonas rurais é que teve aí muitos negros escravos, muito mais do que na cidade de Buenos Aires, onde estes se dedicavam ao campo, trabalhos mais difíceis do que na cidade.

(M.A.) Buenos Aires, por ser uma cidade a beira do Rio do Prata, está, portanto, perto de Montevideo e da capitania e depois província do Rio Grande do Sul, no Brasil. Sabidamente estas regiões contavam com o trabalho escravo africano em uma escala considerável. Houvera relações, circulações, entre os escravos de Buenos Aires e os dessas regiões, que, em boa parte do tempo, pertenciam ao Império Português? Houvera alguma rede de resistência, formação de quilombos nessas regiões, por exemplo?

(R.E.Z.) *De princípio, diria que sempre houvera relações, circulações entre escravos de duas ou mais regiões diferentes. Se não fosse isso, a primeira sublevação dos negros em Haiti, muito longe de Buenos Aires nunca teria sido conhecida no cone sul do Rio da Prata, no caso, Montevideo e Buenos Aires, incluindo o Brasil. Justamente Ana Fraga em um dos seus trabalhos, interpreta o medo da elite branca frente a um possível levante ou rebelião por parte dos escravos, seguindo um “modelo haitiano” em Buenos Aires. Primeiro, creio que os portugueses e famosos homens de negócios brasileiros instalados em Sacramento, colocaram os primeiros contatos por obra do contrabando, fazendo desta uma zona muito disputada entre espanhóis e portugueses. Logo, como nos descreve Borucki, temos que saber que a escravidão nesta parte do Rio da Prata, foi uma entre as várias modalidades de provisão de mão de obra. O que justamente diferencia daquelas sociedades cuja a riqueza fundamentalmente dependia do trabalho*

destes homens, mulheres e crianças escravizados, nas plantações de café, cana de açúcar, e ainda mais na extração de minerais como no Brasil. Então, o termo quilombo, ou palenque pode tomar aqui como muitas matrizes. Por que? Porque se por uma parte o quilombo evidencia, digamos, literalmente a resistência, se podia falar também nessas regiões, porque tivera resistência nos lugares sociais onde trabalhavam as mulheres, por exemplo, nos chamados delitos sociais com os senhores, nos protestos... Muitos recorriam, por exemplo, ao tribunal por abusos, passando por defensores de pobres (defensores públicos) como relata Lucas Rebaglia em alguns de seus trabalhos, também o trabalho de Blanchar Peter sobre a agressividade dos escravos na Venezuela e Argentina nos ajuda a compreender e a ver as mil e uma formas de resistências desses escravizados nessas regiões. Por outro lado, se o quilombo é essencialmente o lugar para onde iam os escravos (homens e mulheres) para ressocializarem, se existe essa palavra, por que não sou espanhol e tampouco falante do espanhol, reviver, fugir totalmente do sistema escravista, colocar as suas próprias regras, e nesse contexto não podemos falar tanto de quilombo no Rio da Prata como os intentos de levantes de escravos em Montevideo, por exemplo, o livro de Carlos Pademonte (1943) “hombres con dueños”¹³, que trata da história de um levante de escravos negros. Sem embargo, o que estou dizendo, não excluí que se possa estudar este fenômeno de quilombo nestas regiões, embora digamos que o sistema escravista desta não foi o das plantações de cana de açúcar, de café ou algodão. O que quero dizer é que de momento e com a pequena experiência que tenho, não posso afirmar rotundamente que se possa falar ou não de quilombo nestas regiões, isso deixa também um campo aberto e, todavia, não explorado pelos historiadores: demonstrar verdadeiramente se ao final se pode falar de quilombo ou não. No Brasil houvera quilombos, lutas e levantes. O artigo do João José Reis sobre o levante de escravos é uma grande contribuição. A conspiração de Álzaga de 1812, onde justamente Ventura é o escravo, tudo isso mostra as formas muito evidentes de comunicação, de circulação, mesmo que a distância. Ao final, me parece pertinente sublinhar o trabalho da Magdalena Candioto sobre a “abolição gradual e liberdade vigiada”¹⁴. Esse título vem reforçando nosso raciocínio sobre a comunicação, circulação e, inclusive, o medo que se fez Haiti com os escravos. O governo de Buenos Aires teve que regulamentar esta liberdade para não chegar a cair no caos do Haiti.

(M.A.): Esses negros que viviam pela cidade portenha, como se comunicavam com a população local? Já haviam sido aculturados? E quais as influências da cultura africana para a sociedade portenha no período que você estuda?

(R.E.Z.): Evidentemente esses negros se comunicavam com a população local e não só com a população local, se não também entre si, porque é importante saber que não vieram todos da mesma região da África, apesar de ser uma ideia de que todos têm

¹³ PADEMONTTE, Juan Carlos. **Hombres con dueños. Crónica de la esclavitud en el Uruguay.** Montevideo, 1943.

¹⁴ CANDIOTI, Magdalena, *abolición gradual y libertades vigiladas en el Río de la Plata. La política de control de libertos de 1813*”, en **Corpus** [en línea], vol,6 n° 1/2016. Disponível em: <http://corpusarchivos.revues.org/1567>. Acesso em 18 de set. 2017.

desses negros. Porém não, não vinham da mesma região, por isso não falava o mesmo idioma, também tinham problemas entre si para se comunicarem, porque algumas vezes saiam de regiões diferentes, mesmo que embarcassem no mesmo porto. Obviamente foram aculturados, não sei si houveram escravos que não foram aculturados nestes territórios dominados pelas metrópoles. Si voltamos um pouco atrás, os primeiros escravos que chegaram a estas terras de conquista, perceberemos que foram escravos que passaram muito tempo em Sevilha, Portugal, por fim, na metrópole. Sabiam falar espanhol e português, é o que podemos chamar de escravos da primeira geração, chamados de “ladinos”, porém para os “boçais”, diretamente saídos da África, estes tomaram algum tempo para falar o espanhol e português, por mais que alguns não falavam muito bem ou corretamente, haviam alguns que falavam muito bem. Justamente encontrei com um caso no arquivo de “La Nación”, em Buenos Aires, que é um escravo que não sabia espanhol e procurou um defensor de pobre (defensor público) para pedir uma ajuda, por isso em muitos documentos do arquivo, quando se trata de documentos deste escravo ou uma petição, ou em um documento do tribunal onde ele tinha que assinar, somente marcava uma cruz. Porém, quando lemos o regulamento para educação e exercício dos libertos, nos damos conta de que estudavam o que podiam estudar e então, aprendiam a língua ao menos para se comunicar. A aculturação que você está mencionando, ou planteando aqui, diria que foi também um dos objetivos da metrópole. Por isso institucionalizaram o castigo de toda prática africano que eles viam como indecente, ou algo de bruxaria. Sem dúvidas esses africanos chegaram a conversar ou práticas seus rituais em reuniões, confrarias, mesmo que escondido e com cuidado. Falar da influência africana nesta sociedade portenha é algo muito importante e que aqui não vamos ter tempo suficiente. Porém, podemos dizer que há uma influência incrível nesta sociedade. Percebemos que os negros de origem africana tem sido verdadeiros atores na sociedade riopratense e precisamente Buenos Aires durante o período colonial, algo que se verifica no livro já citado de Lyman Johnson, sobre os artesões da cidade de Buenos Aires. Seus aportes fundamentalmente foram relevantes nos setores econômico, social e cultural.

(M.A.): Agora, se me permite, poderíamos voltar um pouco para o presente? Afinal, ao sair pelas ruas de Buenos Aires não conseguimos ver muito da cultura negra e nem mesmo, pessoas negras. Uma pergunta que acredito ser importante: para onde foram os negros que chegaram em Buenos Aires em fins do século XVIII e início do XIX? Como você, estudioso do tema, poderia analisar a participação da população negra, seja cultural, econômica e socialmente na Buenos Aires contemporânea?

(R.E.Z.): Ok. Primeiro temos que relativizar alguns elementos da sua observação. Não é que não há, na verdade, temos que ter olhos de historiador para ver realmente pessoas negras e comprovar a cultura africana nesta cidade portenha de Buenos Aires (risos). Bem, quando digo olhos de historiador, é dizer, basear na história para ver que o tango que se dança em todo momento, em cada canto dessas ruas de Buenos Aires, tem origem africana. Igual com as milongas. Pois, só a palavra “tango” ou “tangó” com um acento no último “o”, não é nada mais que uma transformação, ou melhor

dizendo, um africanismo da língua portuguesa que quer dizer “homem que trafica negros” e em geral na América se chamava “tangos” os lugares onde havia muitos negros reunidos para dançar e tocar sua música. Logo, a dança tango se vincula com o codinome. É possível se dar conta disso quando passar em frente à estátua do soldado Falucho, pelo parque 3 de fevereiro, que se trata de um soldado negro que lutou até a morte para defender a pátria. Também poderá constatar tal influência quando passar pela avenida San Isidro e ver no canteiro central África entre as ruas Arias e Deheza. Quando nosso viajante escutar no linguajar argentino as palavras: mucama, mondongo, quilombo, marote, mandinga, milonga e muitas outras, saberá que são substratos linguísticos que tem raízes negroafricanas. Há muito o que ver, escutar e perceber. Em relação as pessoas negras há sim. E eu, sempre que ia ao arquivo de “La Nación”, muito próximo da Casa Rosada, havia muitos negros fazendo suas coisas, vendendo, o que seja. Há uma comunidade em Buenos Aires, liderada por Miriam Gomes, professora de Literatura. Também uma comunidade de senegaleses resultante da imigração contemporânea. Para voltar a pergunta para onde foram os negros que entraram em Buenos Aires durante o século XVIII e XIX, creio que já temos respondido a essa pergunta com o livro de Andrews, que evidencia muito bem o “desaparecimento” destes negros. Algo fundamental também, que não podemos esquecer, e para terminar, é que houve o incremento da população escrava em alguma medida na produção de riquezas da cidade de Buenos Aires e da sua vitalidade econômica.

(M.A.): Como a história e a historiografia argentina problematiza esse componente social tão importante da colonização europeia na América? Essa é uma pergunta muito cara para os historiadores brasileiros, pois dois dos temas mais importantes da historiografia brasileira e, por isso, muito estudado, pesquisado e publicado são justamente a escravidão e a abolição da escravidão.

(R.E.Z.): *Essa pergunta é muito importante e, também, muito complicada. Não sei se vou conseguir responder claramente. Porém, fica evidente que o componente negro africano foi ator, como já disse, da sociedade riopratense durante o período colonial. Contudo, infelizmente falando de muitos anos atrás, da história e, inclusive, da historiografia buenoairense e argentina de maneira geral, enfatizam o negro, sobretudo as escolas onde o saber se transmite (escolas primários e secundárias), apresentando em forma “descontextualizada” como diria um historiador, e anedótica, catalogando de maneira estereotipada, como vendedores ambulantes, serventes da elite da colônia, deixando de lado o verdadeiro rol, papel que desempenhou este negro na sociedade argentina naquele momento. E creio que foi esta maneira, de enfatizar o componente negro que chamou a atenção de muitos historiadores, e, agora falando dos últimos trinta anos, a dedicarem-se a esta problemática sobre o componente negro no Rio da Prata, na Argentina e seus arredores. Por isso, atualmente, temos muitas publicações sobre os negros na Argentina e precisamente em Buenos Aires, cidade-porto, de historiadores relevantes que já citamos no início da entrevista. Logo, temos que relevar também um grupo de estudos afroargentinos com a historiadora Florencia Guzmán e*

uma equipe bastante formidável, apaixonada pelo tema e com quem trabalhei muito no arquivo de “La Nación”, e temos nos comunicando por e-mail. Pessoas muito pertinentes, “buena onda” (gente fina), como dizem na América Latina. Boas pessoas, autores e historiadores. Porém, ainda há muito por saber e fazer sobre este componente negro nestas cidades argentinas, sobre suas contribuições... há muito o que saber.

(M.A.): Para finalizar nossa entrevista, gostaria que você falasse um pouco do período que você passou por Buenos Aires, dando conferência na Universidade de Buenos Aires. Como você resume essa experiência?

(R.E.Z.): *Bom, primeiro fui pesquisar, ou seja, realizar o meu trabalho de campo, relativo à minha tese doutoral que é justamente sobre o componente africano, sua participação, os seus feitos políticos a princípios do século XIX. Quando cheguei a Buenos Aires, tive também essa ideia errônea de que Buenos Aires não tem nada de afro, de um passado escravo, por fim, a via como uma cidade europeia. Quando tive a primeira reunião de trabalho com o professor Raúl Fradkin, ele me perguntou: “O que achou da cidade?” E eu, muito entusiasmado lhe disse que é uma cidade muito europeia e não há nada de africano, enfim, tive uma reação que teve você quando me perguntou ao sair nas ruas de Buenos Aires, não há negro, também não se vê a cultura africana e ele me disse: “Zamba, cuidado com Buenos Aires, porque é uma cidade que engana a gente”. E quando me pus a trabalhar no arquivo, todos os dias, me dei conta de que ele tinha razão, por isso te falei que temos que relativizar e ter olhos de historiador. Minha experiência foi muito enriquecedora e cresci. Esta experiência me permitiu mudar os esquemas pré-estabelecidos que trouxe da Europa. Me mudou a maneira de ver, de consultar os arquivos, de analisar e confrontar a informação e sobretudo, conversar com especialistas sobre o tema. Consultei vários arquivos e me encontrei com pessoas maravilhosas, dispostas a compartilhar comigo documentos da minha pesquisa, gente que me sugeriu ideias, abordagens, enfim, muitas coisas. Me receberam muito bem nas bibliotecas, arquivos e academias. Estupendamente! Se nota também na academia, que há muito interesse em saber sobre esses negros, nos conflitos, nas guerras de independência, nas invasões. Fiz muitos e bons amigos e voltarei a Buenos Aires para seguir minha pesquisa e fazer outras coisas também. Por fim, te agradeço também, por ter me entrevistado e creio que daqui para adiante podemos pensar em organizar colóquios, conferências e também com alguns historiadores ou doutorando do Brasil, sobre essa questão dos escravos e negros libertos, e seguir ampliando nosso abanico de reflexão e cruzar experiências. Muito obrigado, mais uma vez. E agradeço também a todos meus professores, José Luis Belmonte, o professor Juan Marchena Fernández, Justo Cuño, o professor Miura, desde a Espanha, na França aos professores Raúl Fradkin, Jorge Gelman, Gabriel di Meglio, Miguel Ángel Rosal, Alejandro Rabinovich, Florencia Guzman e os que não pude mencionar aqui.*

Em nome da Revista Outras Fronteiras, eu gostaria de agradecer-lhe imensamente por vossa disponibilidade em nos atender e conceder essa entrevista para nós. Essa é uma grande contribuição para a comunidade acadêmica do Brasil, mais especificadamente dos dois Estados com os quais estou diretamente relacionado, Mato Grosso, onde faço minha tese de doutoramento na Universidade Federal de Mato Grosso e em Rondônia, onde trabalho como professor no Instituto Federal. O estudo sobre os negros da nossa região, que vem crescendo nos últimos anos, mas ainda temos muito a aprender, e essa entrevista será de grande valia para o futuro desses pesquisadores(as)! Muito obrigado!